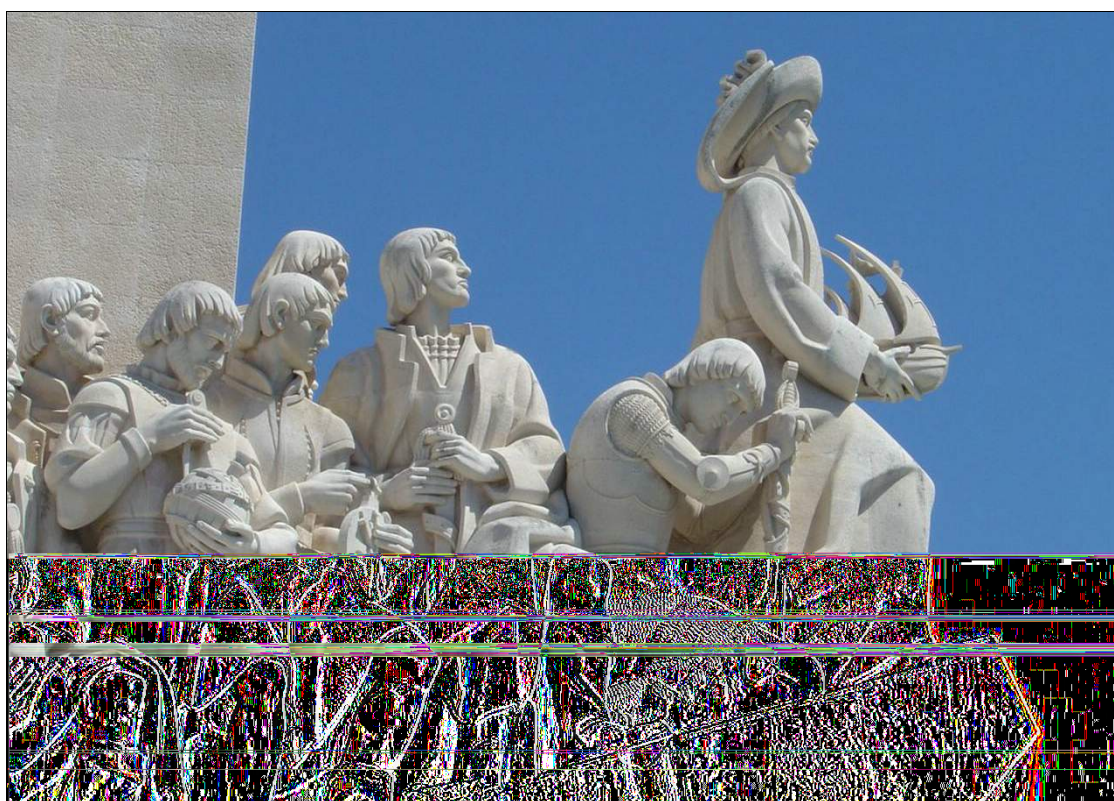


Universidade do Grande ABC - Letras
Especialização em Literatura
Literatura Portuguesa: Heranças e Influências na Literatura Brasileira



Padrão dos Descobrimentos - Lisboa

Profa. Dra. Fernanda Verdasca Botton.

Índice

<i>1) Discurso sobre a história da literatura do Brasil.....</i>	<i>3</i>
<i>2) Conceitos do Belo na Arte.....</i>	<i>10</i>
<i>3) poemas para Camões</i>	<i>11</i>
<i>4) Epopéias.....</i>	<i>12</i>
<i>5) Textos críticos: Prosopopéia</i>	<i>13</i>
<i>6) Poemas para Cesário Verde.....</i>	<i>14</i>
<i>7) Conto: Devaneio e Embriaguez duma Rapariga – Clarice Lispector</i>	<i>14</i>

1) Discurso sobre a história da literatura do Brasil

D. J. Gonçalves de Magalhães.

O discurso que aqui transcrevemos sobre a história da literatura do Brasil saiu pela primeira vez impresso em 1836 na Niterói, Revista Brasiliense [Saiu no tomo I, nº 1, sob o título Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil - Estudo Preliminar]. O texto atual é o da reedição de 1865, cotejado com o de 1836.

I

A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral, e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória, e o reflexo progressivo de sua inteligência; e quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da Terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo, do qual é ela o único representante na posteridade. Sua voz como um eco imortal repercute por toda a parte, e diz: em tal época, debaixo de tal constelação, e sobre tal ponto do globo existia um povo, cuja glória só eu a conservo, cujos heróis só eu os conheço; vós porém se pretendeis também conhecê-lo, consultai-me, porque eu sou o espírito desse povo, e uma sombra viva do que ele foi.

Cada povo tem sua literatura própria, como cada homem seu caráter particular, cada árvore seu fruto específico; mas esta verdade incontestável para os primitivos povos, algumas modificações contudo experimenta entre aqueles cuja civilização apenas é um reflexo da civilização de outro povo. Então, como nas árvores enxertadas, vêm-se pender dos galhos de um mesmo tronco frutos de diversas espécies; e posto que não degenerem muito os que do enxerto brotaram, contudo algumas qualidades adquirem, dependentes da natureza do tronco que lhes dá o nutrimento, as quais os distinguem dos outros frutos da mesma espécie. Em tal caso marcham a par as duas literaturas, e distinguir-se pode a indígena da estrangeira.

Em outras circunstâncias, como as águas de dois rios que em um confluente se anexam, as duas literaturas de tal jeito se aliam que impossível é o separá-las. A Grécia, por exemplo, tinha uma literatura que lhe era própria, que explica suas crenças, sua moral, seus costumes, uma literatura toda filha de suas idéias, uma literatura enfim toda grega.

A Europa de hoje, ou tomemos a França, ou a Inglaterra, ou a Itália, ou a Espanha, ou Portugal, apresenta o exemplo da segunda proposição. Além da literatura que lhe é própria, dessa literatura filha de sua civilização, originária do cristianismo, nós aí vemos outra literatura, que chamamos de enxertada, e que não é mais do que uma lembrança da mitologia antiga, e uma recordação de costumes que não são seus; e não só as duas literaturas marcham a par, como muitas vezes o mesmo poeta se vota à cultura de ambas, e como diz Tasso falando do mágico Ismeno:

"Anzi sovente in uso empio e profano
Confonde le due leggi a se mal note."

Para prova da terceira proposição, no caso em que as literaturas de modo tal se mesclam, que não é possível separá-las, vemos na literatura romântica da Espanha uma mistura de idéias cavalleirescas e arábicas, restos da antiga civilização dos árabes; algumas vezes se ela é cristã na sua matéria, é arábica quanto à forma.

Mas não são estas as únicas modificações que entre os diversos povos experimente a literatura; outras há que da natureza mesmo do homem, da civilização e do progresso dependem; porque seja qual for a modificação que sofra a literatura, há sempre algum acordo entre ela e as circunstâncias peculiares e temporárias do povo a que pertence e da inteligência que a produz. Assim a literatura é variável como são os séculos; semelhante ao termômetro que sobe ou desce segundo o estado da atmosfera.

Por uma espécie de contágio uma idéia lavra às vezes entre os homens de uma mesma época, reúne-os todos em uma mesma crença, seus pensamentos se harmonizam, e para um só fim tendem. Cada época representa então uma idéia que marcha escoltada de outras que lhe são subalternas, como Saturno rodeado dos seus satélites; essa idéia principal contém e explica as outras idéias, como as premissas no raciocínio contém e explicam a conclusão. Essa idéia é o espírito, o pensamento mais íntimo de sua época, é a razão oculta dos fatos contemporâneos.

A literatura abrangendo grande parte de todas as ciências e artes, e sendo ela filha e representante moral da civilização, é mister um concurso de extensos conhecimentos para se poder traçar a sua história geral ou particular, e não perder-se de vista a idéia predominante do século, luminoso guia na indagação e coordenação dos fatos, sem o que a história é de pouco valor, e seu fim principal iludido.

Aplicando-nos agora especialmente ao Brasil, as primeiras questões que se nos apresentam são: qual é a origem da literatura brasileira? Qual o seu caráter, seus progressos, e que fases tem tido? Quais os que a cultivaram, e quais as circunstâncias que em diversos tempos favoreceram ou tolheram o seu florescimento? É pois mister remontar-nos ao estado do Brasil depois do seu descobrimento, e daí pedindo conta à história, e

à tradição viva dos homens de como se passaram as coisas, seguindo a marcha do desenvolvimento intelectual, e pesquisando o espírito que a presidia, poderemos apresentar, senão acabado, ao menos um verdadeiro quadro histórico da nossa literatura.

Mas antes de encetar a matéria uma consideração aqui nos demora, e pede o caso que a explanemos. Lugar é este de expormos as dificuldades que na execução deste trabalho encontramos. Aqueles que alguns lumes de conhecimento possuem relativos à nossa literatura, sabem que mesquinhos e esparsos são os documentos que sobre ela se podem consultar. Nenhum nacional, que o saibamos, ocupado se tem até hoje de tal objeto. Dos estrangeiros Bouterweck, Simonde de Sismondi, e Ferdinand Denis alguma coisa disseram. O primeiro apenas conhecia Cláudio Manuel da Costa, de quem alguns extratos apresenta; o segundo inteiramente se pauta pelo primeiro, e a menção que faz de alguns brasileiros fora mesmo excluída do plano da sua obra sobre a literatura do meio-dia da Europa, se nela não entrasse como um apêndice à história da literatura portuguesa. No Resumo da história literária de Portugal e do Brasil por Ferdinand Denis, posto que separadas estejam elas, e porventura mais extenso desenvolvimento ofereça a segunda, contudo basta um lance de olhos para ver-se que ainda está longe de ser completa, servindo apenas para dar uma idéia a estrangeiros.

Eis tudo o que sobre a literatura do Brasil se tem escrito até hoje; se só por isso nos guiássemos, na impossibilidade em que ficaríamos de nada poder acrescentar, teríamos preferido traduzir esse pouco; o que de nada serviria para a história. Empenhados em dar alguma coisa mais meritória, começamos por estudar a nossa história, e desde aí encontramos grandes embaraços para o nosso escopo. Necessário nos foi a leitura do imenso trabalho biográfico do abade Barbosa, para podermos achar por acaso aqui e ali o nome de algum brasileiro distinto no meio dessa aluvião de nomes colecionados às vezes com bem pouca crítica. Ainda assim convinha ler suas obras; eis aí uma quase insuperável dificuldade. Embalde por algumas delas, de que tínhamos notícia, investigamos todas as bibliotecas de Paris, de Roma, de Florença, de Pádua, e de outras principais cidades da Itália que visitamos; foi-nos preciso contentar-nos com o que pudemos obter. Acresce mais que dos nossos primeiros poetas até ignoramos a época do seu nascimento, que tanto apreço damos nós aos grandes homens que nos honram, desses homens cuja herança é hoje nossa única glória. Essa dificuldade já foi reconhecida pelo ilustre editor do Parnaso brasileiro cujo trabalho tão digno de louvor muito serviu-nos. Enfim, depois de um longo e enfadonho estudo, vimo-nos quase reduzidos, sem outro guia mais que o nosso próprio juízo, a ler e analisar os autores que pudemos obter, esperando que o tempo nos facilite os meios para o fim que nos propomos.

Todos estes trabalhos e obstáculos mencionamos não com o fito de realçar o mérito deste bosquejo, mas sim para merecer desculpa das muitas faltas e penúrias que se notem, e outrossim para que, à vista de tal incúria e mendiguez, mais zelosos sejamos em pesquisar e conservar os monumentos de nossa glória para a geração futura, afim de que nos não expromos o nosso desmazelo e de bárbaros não nos acuse, como com razão o poderíamos fazer em relação aos nossos maiores.

Nós pertencemos ao futuro, como o passado nos pertence. A glória de uma nação que existe, ou que já existiu, não é senão o reflexo da glória de seus grandes homens. De toda a antiga grandeza da pátria dos Cíceros e dos Virgílios apenas nos restam suas imortais obras, e essas ruínas que tanto atraem os olhos do estrangeiro, e no meio das quais a moderna Roma se levanta, e se enche de orgulho. Que cada qual se convença do que diz Madame de Staël: “A glória dos grandes homens é o patrimônio de um país livre; depois que eles morrem todos participam dela.”

O aparecimento de um grande homem é uma época para a história; e semelhante a uma jóia preciosa, que só possuímos quando podemos possuí-la, o grande homem jamais se apresenta quando o não merecemos. Ele pode existir no meio de nós sem ser conhecido, sem se conhecer a si mesmo, como o ouro nas entranhas da terra, e só espera que o desencavem para adquirir o seu valor; e a incapacidade que o desconhece, o anula. Empreguemos os meios necessários, e teremos grandes homens. Se é verdade que a recompensa anima o trabalho, a recompensa do gênio é a glória; e segundo um belo pensamento de Madame de Staël: “O gênio no meio da sociedade é uma dor, uma febre interior de que se deve tratar como verdadeira moléstia, se a recompensa da glória lhe não adoça as penas.”

II

O Brasil, descoberto em 1500, jazeu três séculos esmagado debaixo da cadeira de ferro, em que se recostava um governador colonial com todo o peso de sua insuficiência, e de seu orgulho. Mesquinhas intenções políticas, por não dizer outra coisa, ditavam leis absurdas e iníquas que entorpeciam o progresso da civilização e da indústria. Os melhores engenhos em flor morriam, faltos desse orvalho protetor que os desabrocha. Um ferrete ignominioso de desaprovação, gravado na frente dos nascidos no Brasil, indignos os tornava dos altos e civis empregos. Para o brasileiro, no seu país, obstruídas e fechadas estavam todas as portas e estradas que podiam conduzi-lo à ilustração. Uma só porta ante seus passos se abria; era a porta do convento, do retiro, e do esquecimento! A religião lhe franqueava essa porta; a religião a fechava sobre seus

passos, e o sino que o chamava ao claustro, anunciava também sua morte para o mundo. O gênio em vida sepultado, cercado de místicas imagens, apenas saía para catequizar os índios no meio das florestas virgens, ou para pregar aos colonos nos dias de repouso as verdades do Evangelho. Mas em vão; as virtudes do cristianismo não se podiam domiciliar nos corações desses homens encharcados de vícios, e tirados pela maior parte dos cárceres de Lisboa, para vir povoar o Novo Mundo. Deus nos preserve de lançar o opróbrio sobre ninguém. Era então um sistema o de fundar colônias com homens destinados ao patíbulo; era basear uma nação nascente sobre todas as espécies de vícios e de crimes. Tais homens para seus próprios filhos olhavam como para uma raça degenerada, e inepta para tudo. Quanto aos índios, esses infelizes perseguidos eram a ferro e fogo, como se fossem animais ferozes; nem eles em outra categoria eram considerados pelos seus arrebanhadores. Sabe-se que necessário foi que uma bula do Papa Paulo III os declarasse verdadeiros homens, e capazes por isso da fé de Cristo; sem o que talvez os europeus os houvessem de todo exterminado! Da barbaridade de tais homens traça Simão de Vasconcelos um quadro bem triste, dizendo:

"Os portugueses que ali já estavam, e começavam a povoar esses lugares, viviam a modo de gentios; e os gentios com o exemplo destes iam fazendo menos conceito da lei de Cristo; e sobretudo, que viviam aqueles portugueses de um trato vilíssimo, salteando os pobres índios, ou nos caminhos, ou em suas terras, servindo-se deles, e avexando-os contra todas as leis da razão [...] Viviam [os portugueses] do rapto dos índios, e era tido o ofício de salteá-los por valentia, e por ele eram os homens estimados."

Tal era o estado daqueles tempos! Que podemos nós ajuntar a essas citações? Tal era toda a indústria, arte e ciência dos primeiros habitantes portugueses das terras de Santa Cruz! Triste é sem dúvida a recordação dessa época, em que o brasileiro, como lançado em terra estrangeira, duvidoso em seu próprio país vagava, sem que dizer pudesse: isto é meu, neste lugar nasci! Envergonhava-se de ser brasileiro, e muitas vezes com o nome de português se acobertava para ao menos aparecer como um ente da espécie humana, e poder alcançar um emprego no seu país. Destarte, circunscrito em tão curto estádio, estranho à nacionalidade, e sem o incentivo da glória, ia este povo vegetando oculto, e arredado da civilização.

Quem não dirá que Portugal com esse sistema opressor só curava de atenuar e enfraquecer esta imensa colônia, porque conhecia sua própria fraqueza, e ignorava seus mesmos interesses? Quem não dirá que ele temia que a mais alto ponto o Brasil se erguesse e lhe ofusasse a glória? Assim é que um bárbaro senhor algema seu escravo, receoso de que ele lhe fuja, e só lhe desprende os braços para seu serviço em rústicos trabalhos. A economia política tem combatido vitoriosamente o erro que desde muito grassava na política, que um povo não pode prosperar senão à custa de outro povo, e com sacrifício de tudo que o rodeia; política essa que à imitação dos romanos, e de todos os povos dos baixos tempos, Portugal exerceu sobre o Brasil.

O tempo sancionou as verdades que a história e a memória recente dos fatos nos recordam, e o tempo, prosseguindo em sua marcha, irá mostrando qual é o destino que a Providência tem marcado a este império da América. A Deus não praza que esse perigoso fermento que entre nós gira, esse gérmen de discórdia, ressaibo ainda de não apurada educação, e sobretudo a escravidão, tão contrária ao desenvolvimento da indústria e das artes, e tão perniciosa à moral, não impeçam sua marcha e engrandecimento.

Parecerão talvez estas considerações fora do objeto que nos propomos; mas intimamente a ele se ligam, e o explicam. Ainda uma vez e por outras palavras diremos, que o nosso propósito não é traçar cronologicamente as biografias dos autores brasileiros, mas sim a história da literatura do Brasil; que toda a história, como todo o drama, supõe uma cena, atores, paixões, e um fato que progressivamente se desenvolve, que tem sua razão, e um fim; sem estas condições não há história, nem drama.

Através das espessas trevas em que se achavam envolvidos os homens neste continente americano, viram-se alguns espíritos superiores brilhar de passagem, bem semelhantes a essas errantes que o peregrino admira em solitária noite nos desertos do Brasil; sim, eles eram como pirilampos que no meio das trevas fosforeiam. E poder-se-á com razão acusar o Brasil de não ter produzido inteligências de mais subido quilate? Mas que povo escravizado pode cantar com harmonia, quando o retinido das cadeias e o ardor das feridas sua existência torturam? Que colono tão feliz, ainda com o peso sobre os ombros, e curvado sobre a terra, a voz ergueu no meio do universo, e gravou seu nome nas páginas da memória? Quem não tendo a consciência da sua livre existência, só rodeado de cenas de miséria, pôde soltar um riso de alegria, e exalar o pensamento de sua individualidade? Não; as ciências, a poesia e as belas artes, filhas da liberdade, não são partilhas do escravo; irmãs da glória, fogem do país amaldiçoado onde a escravidão rasteja, e só com a liberdade habitar podem.

Se refletirmos, veremos que não são poucos os escritores para um país que era colônia portuguesa; para um país onde ainda hoje o trabalho do literato, longe de assegurar-lhe com a glória uma independência individual, e um título de mais ao reconhecimento público, parece ao contrário desmerecê-lo, e desviá-lo da liga dos homens positivos, que desdenhosos dizem: é um poeta! Sem distinguir se apenas é um trovista, ou

um homem de gênio; como se dissesse: eis aí um ocioso, um parasita, que não pertence a este mundo; deixai-o com a sua mania.

Aí canta o poeta por mera inspiração celeste, por essa necessidade de cantar, para dar desafogo ao coração. Ao princípio cantava para honrar a beleza, a virtude, e seus amores; cantava ainda para adormentar as amarguras da alma; mas logo que a idéia da pátria apareceu aos poetas, começaram eles a invocá-la para objeto dos seus cânticos. Sempre porém como o peregrino no meio dos bosques, que vai cantando sem esperança de recompensa, o poeta brasileiro não é guiado por nenhum interesse, e só o amor mesmo da poesia e da pátria o inspira. Ele pode dizer com o épico português:

"Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil."

Se em total esquecimento muitos deles existem, provém isso em parte da língua em que escreveram, que tão pouco conhecida é a língua portuguesa na Europa, e principalmente em França, Inglaterra e Alemanha, onde mais alto soa o brado da fama e colossal reputação se adquire; em parte sobre nós deve recair a censura, que tão pródigos somos em louvar e admirar os estranhos, quão mesquinhos e ingratos nos mostramos para com os nossos, e deste jeito visos damos que nada possuímos. Não pretendemos que a esmo se louve tudo o que nos pertence, só porque é nosso; vaidade fora insuportável; mas porventura vós que consumistes vossa mocidade no estudo dos clássicos latinos e gregos, vós que ledes Racine, Voltaire, Camões ou Filinto Elísio, e não cessais de admirá-los, muitas vezes mais por imitação que por própria crítica, dizei-me, apreciastes vós as belezas naturais de um Santa Rita Durão, de um Basílio da Gama, e de um Caldas*?

Toca ao nosso século restaurar as ruínas e reparar as faltas dos passados séculos. Cada nação livre reconhece hoje mais que nunca a necessidade de marchar. Marchar para uma nação é engrandecer-se moralmente, é desenvolver todos os elementos da civilização. É pois mister reunir todos os títulos de sua existência para tomar o posto que justamente lhe compete na grande liga social, como o nobre recolhe os pergaminhos da sua genealogia para na presença do soberano fazer-se credor de novas graças. Se o futuro só pode sair do presente, a grandeza daquele se medirá pela deste. O povo que se olvida a si mesmo, que ignora o seu passado, como o seu presente, como tudo o que nele se passa, esse povo ficará sempre na imobilidade do império indochinês.

Nada de exclusão, nada de desprezo. Tudo o que pode concorrer para o esclarecimento da história geral dos progressos da humanidade merecer deve a nossa consideração. Jamais uma nação poderá prever seu futuro, se não conhece o que ela é comparativamente com o que ela foi. Estudar o passado é ver melhor o presente, é saber como se deve marchar para um futuro mais brilhante. Nada de exclusão; a exclusão é dos espíritos apoucados, que em pequena órbita giram, sempre satélites, e só brilhantes de luz emprestada. O amante da verdade porém, por caminhos não trilhados, em tudo encontra interesse e objeto de profunda meditação; como o viajor naturalista que se extasia na consideração de uma florzinha desconhecida, que o homem bronco tantas vezes vira com desprezo. O que era ignorado, ou esquecido, romperá destarte o envoltório de trevas, e achará devido lugar entre as coisas já conhecidas e estimadas.

Depois de tantos sistemas exclusivos, o espírito eclético anima o nosso século; ele se levanta como um imenso colosso vivo, tendo diante dos olhos os anais de todos os povos, em uma mão o archote da filosofia aceso pelo gênio da investigação, com a outra aponta a esteira luminosa onde se convergem todos os raios de luz, escapados do brandão que sustenta. - Luz e progresso; eis sua divisa.

Não, oh! Brasil, no meio do geral movimento tu não deves ficar imóvel e apático, como o colono sem ambição, e sem esperanças. O germen da civilização, lançado em teu seio pela Europa, não tem dado ainda os frutos que devia dar; vícios radicais têm tolhido seu desenvolvimento. Tu afastaste de teu colo a mão estranha que te sufocava; respira livremente, cultiva com amor as ciências, as letras, as artes e a indústria, e combate tudo o que entrevá-las pode.

III

Não se pode lisonjear muito o Brasil de dever a Portugal sua primeira educação; tão mesquinha foi ela que bem parece ter sido dada por mãos avaras e pobres; contudo boa ou má dele herdou, e o confessamos, a literatura e a poesia, que chegadas a este terreno americano não perderam o seu caráter europeu. Com a poesia vieram todos os deuses do paganismo, espalharam-se pelo Brasil, e dos céus, e das florestas, e dos rios se apoderaram.

A poesia brasileira não é uma indígena civilizada; é uma grega vestida à francesa e à portuguesa, e climatizada no Brasil; é uma virgem do Hélicon que, peregrinando pelo mundo, estragou seu manto, talhado pelas mãos de Homero, e sentada à sombra das palmeiras da América, se apraz ainda com as reminiscências da pátria, cuida ouvir o doce murmúrio da castalha, o trépido sussurro do Lodon e do Ismeno, e toma por um rouxinol o sabiá que gorjeia entre os galhos da laranjeira. Enfeitiçados por esse nume sedutor, por essa bela estrangeira, os poetas brasileiros se deixaram levar por seus cânticos, e olvidaram as simples imagens que

uma natureza virgem com tanta profusão lhes oferecia. Semelhante à Armida de Tasso, cuja beleza, artifícios e doces palavras atraíram, e desorientaram os principais guerreiros do exército cristão de Gofredo. É rica a mitologia, são belíssimas as suas ficções, mas à força de serem repetidas e copiadas vão sensivelmente desmerecendo; além de que, como o pássaro da fábula, despimos nossas plumas para nos apavonar com velhas galas, que nos não pertencem. Em poesia requer-se mais que tudo invenção, gênio e novidade; repetidas imitações o espírito esterilizam, como a muita arte e preceitos tolhem e sufocam o gênio. As primeiras verdades da ciência, como os mais belos ornamentos da poesia, quando a todos pertencem, a ninguém honram. O que mais dá realce e nomeada a alguns dos nossos poetas não é certamente o uso dessas cediças fábulas, mas sim outras belezas naturais, não colhidas nos livros, e que só o céu da pátria lhes inspirara. Tão grande foi a influência que sobre o engenho brasileiro exerceu a grega mitologia, transportada pelos poetas portugueses, que muitas vezes poetas brasileiros se metamorfoseiam em pastores da Arcádia, e vão apascentar seus rebanhos imaginários nas margens do Tejo, e cantar à sombra das faias.

Mas há no homem um instinto oculto que o dirige, a despeito dos cálculos da educação, e de tal modo o aguilha esse instinto que em seus atos imprime um certo caráter de necessidade, a que chamamos ordem providencial ou natureza das coisas. O homem colocado diante de um vasto mar, ou no cume de uma alta montanha, ou no meio de uma virgem e emaranhada floresta, não poderá ter por longo tempo os mesmos pensamentos, as mesmas inspirações, como se assistisse aos olímpicos jogos, ou na pacífica Arcádia habitasse. Além dessas materiais circunstâncias, variáveis nos diversos países, que muito influem sobre a parte descritiva e caráter da paisagem poética, um elemento há sublime por sua natureza, poderoso por sua inspiração, variável porém quanto à sua forma, base da moral poética, que empluma as asas do gênio, que o inflama e fortifica, e através do mundo físico o eleva até Deus; esse elemento é a religião.

Se sobre tais pontos meditassem os primeiros poetas brasileiros, certo que logo teriam abandonado essa poesia estrangeira, que destruía a sublimidade de sua religião, paralisava-lhe o engenho, e os cegava na contemplação de uma natureza grandiosa, reduzindo-os afinal a meros imitadores. Não, eles não meditaram, nem meditar podiam; no princípio das coisas obra-se primeiro como se pode, a reflexão vem mais tarde. Acreditava-se então que mitologia e poesia era uma e a mesma coisa. O instinto porém e a razão mais esclarecida os foram guiando, e posto que lentamente, as encanecidas montanhas da Europa se humilharam diante das sempre verdes e alterosas montanhas do Novo Mundo; a virgem homérica, semelhante à convertida esposa de Eudoro, abraça o cristianismo, e neófita ainda, mal iniciada nos mistérios arcanos de sua nova religião, resvala às vezes, e no enlevo da alma, no meio de seus sagrados cânticos se olvida, e adormentada sonha com as graciosas mentiras que o berço lhe embalaram. Não, ela não pode ainda, posto que naturalizada na América, esquecer-se dos sacros bosques do Parnaso, à cuja sombra se recreara desde o albor de seus anos. Dirias que ela é combatida pela moléstia da pátria, e que nos assomos da nostalgia à Grécia transportada se julga, e com seus deuses delira; saudosa moléstia que só o tempo curar pode. Mas enfim é já um passo, e praza ao céu que a conversão seja completa, e que os vindouros vates brasileiros achem no puro céu da sua pátria um sol mais brilhante que Febo, e angélicos gênios que os inspirem mais sublimes que as Piérides.

Se compararmos o atual estado da civilização do Brasil com o das anteriores épocas, tão notável diferença encontraremos como se entre o fim do século passado e o nosso tempo presente ao menos um século mediara. Devido é isso a causas que ninguém ignora. Com a expiração do domínio português muito se desenvolveram as idéias. Hoje o Brasil é filho da civilização francesa, e como nação é filho dessa revolução famosa que abalou todos os tronos da Europa, e repartiu com os homens a púrpura e os cetros dos reis.

O gigante da nossa idade mandou o susto com as suas baionetas até a extremidade da Península Ibérica, e o neto dos Afonsos, aterrorizado como um menino, temeu que o braço vitorioso do árbitro dos reis cair fizesse sobre a sua cabeça o palácio dos seus avós. Ele foge, e com ele toda a sua corte; deixam o natal país, atravessam o oceano, e trazem ao solo brasileiro o aspecto novo de um rei, e os restos de uma grandeza sem brilho. Eis aqui como o Brasil deixou de ser colônia, e foi depois elevado à categoria de Reino Unido. Sem a Revolução Francesa, que tanto esclareceu os povos, esse passo tão cedo se não daria. Com esse fato abriu-se para o Brasil uma nova série de coisas favoráveis ao seu rápido desenvolvimento, tornando-se o Rio de Janeiro a sede da Monarquia. Aqui pára a primeira época da sua história. Começa a segunda, em que colocado o Brasil em mais larga estrada, se apresta para conquistar a liberdade e a independência, conseqüências necessárias da civilização.

Os acontecimentos notáveis da história do Brasil se apresentam neste século como espécies de contrapancadas ou ecos dos grandes fastos modernos da Europa. O primeiro, como vimos, devido foi à Revolução Francesa; o segundo à promulgação da constituição em Portugal, que apressou o regresso do rei D. João VI a Lisboa, deixando entre nós o herdeiro do trono. O Brasil já não podia então viver debaixo da tutela de uma metrópole, que de suas riquezas se nutrira, e pretendia reduzi-lo ao antigo estado colonial. A

independência política tornou-se necessária; todos a desejavam, e impossível fora sufocar o grito unânime dos corações brasileiros ávidos de liberdade e de progresso. E quem pode opor-se à marcha de um povo que conhece a sua força, e firma a sua vontade? A Independência foi proclamada em 1822, e reconhecida três anos depois. A Providência mostrou mais tarde que tudo não estava feito! Coisas há que se não podem prever. Em 1830 caiu do trono da França o rei que o ocupava, e no ano seguinte deu-se inesperadamente no Brasil análogo acontecimento! A coroa do Ipiranga que cingia a fronte do príncipe português, reservado pela Providência para ir assinalar-se na terra pátria, passou à fronte de seu filho, o jovem Imperador, que fora ao nascer bafejado pelas auras americanas, e pelo sol dos trópicos aquecido.

De duas distintas partes consta a história do Brasil: compreende a primeira os três séculos coloniais; e a segunda o curto período que decorre desde 1808 até os nossos dias. Examinemos agora quais são os escritores desses diversos tempos, o caráter e o progresso que mostra a nossa literatura.

No século décimo sexto, que é o do descobrimento, nenhum escritor brasileiro existiu de que tenhamos notícia. No seguinte século alguns aparecem poetas e prosadores dos quais trataremos mais em particular em um capítulo separado, limitando-nos agora a dizer em geral que, fundando-se as primeiras povoações do Brasil debaixo dos auspícios da religião e pelos esforços dos jesuítas, a literatura nesse século mostra notável propensão religiosa, principalmente a prosa, que toda consiste em orações sagradas.

É no século XVIII que se abre verdadeiramente a carreira literária para o Brasil, sendo a do século anterior tão minguada que apenas serve para a história. Os moços que no século passado iam à Europa colher os frutos da sapiência, traziam para o seio da pátria os germens de todas as ciências e artes; aqui benigno acolhimento achavam nos espíritos ávidos de saber. Destarte se espalhavam as luzes, posto que a estrangeiros e a livros defendido fosse o ingresso no país colonial. Os escritos franceses começaram a ser apreciados em Portugal; suas idéias se comunicaram ao Brasil; dilataram-se os horizontes à inteligência; todos os ramos da literatura foram cultivados, e homens de subida têmpera mostraram que os nascidos nos incultos sertões da América podiam dilatar seu vôo até as margens do Tejo, e emparelhar com as Tágides no canto.

No começo do século atual, com as mudanças e reformas que tem experimentado o Brasil, novo aspecto apresenta a sua literatura. Uma só idéia absorve todos os pensamentos, uma idéia até então quase desconhecida; é a idéia da pátria; ela domina tudo, e tudo se faz por ela, ou em seu nome. Independência, liberdade, instituições sociais, reformas políticas, todas as criações necessárias em uma nova nação, tais são os objetos que ocupam as inteligências, que atraem a atenção de todos, e os únicos que ao povo interessam.

Tem-se notado, e com razão, que contrárias à poesia são as épocas revolucionárias; em tais crises a poesia, que nunca morre, só fala a linguagem enfática do entusiasmo e das paixões patrióticas: é a época dos Tirteus. Mas longe estamos por isso de amaldiçoar as revoluções que regeneram os povos; reconhecemos sua missão na história da humanidade; elas são úteis, porque meios são indispensáveis para o progresso do gênero humano, e até mesmo para o movimento e progresso literário. É verdade que quando elas agitam as sociedades pára um pouco, e desmaiar parece a cansada literatura; mas é para de novo continuar mais bela e remozada na sua carreira; como o viajor se recolhe e repousa assustado quando negras nuvens trovejarem, e ameaçam propínqua tempestade; mas finda a tormenta, continua a sua marcha, gozando da perspectiva de um céu puro e sereno, de um ar mais suave, e de um campo por fresca verdura esmaltado.

Aqui terminaremos a vista geral sobre a história da literatura do Brasil, dessa literatura sem um caráter nacional pronunciado, que a distinga da portuguesa. Antes porém de entrarmos na exposição e análise dos trabalhos dos nossos primeiros escritores, uma questão se levanta e requer ser aqui tratada, questão toda concernente ao país e aos seus indígenas.

IV

Pode o Brasil inspirar a imaginação dos poetas, e ter uma poesia própria? Os seus indígenas cultivaram porventura a poesia?

Tão geralmente conhecida é hoje esta verdade, que a disposição e caráter de um país grande influência exerce sobre o físico e o moral dos seus habitantes, que a damos como um princípio, e cremos inútil insistir em demonstrá-lo com argumentos e fatos por tantos naturalistas e filósofos apresentados. Aí estão Buffon e Montesquieu que assaz o demonstram. Ainda hoje poetas europeus vão beber no Oriente as suas mais belas inspirações; Byron, Chateaubriand e Lamartine sobre seus túmulos meditaram. Ainda hoje se admira o tão celebrado céu da Grécia e da Itália, o céu que inspirou a Homero e a Píndaro, e o que inspirou a Virgílio e Horácio. Vimos esse céu que cobre as ruínas do Capitólio e do Coliseu; sim, é belo esse céu, mas o do Brasil não lhe cede em beleza! Falem por nós todos os viajores, que por estrangeiros não os tacharão de suspeitos. Sem dúvida que eles fazem justiça; e o coração do brasileiro, não tendo por ora muito de que se ensoberbeça quanto às produções das humanas fadigas, que só com o tempo se acumulam, enche-se de prazer, e palpita de

satisfação, lendo as brilhantes páginas de Langsdorff, Neuwied, Spix et Martius, Saint-Hilaire, Debret, e de tantos outros viajores que revelaram à Europa as belezas da nossa pátria.

Este imenso país da América, situado debaixo do mais belo céu, cortado de tão pujantes rios, que sobre leitos de ouro e de preciosas pedras rolam suas águas caudalosas; este vasto terreno revestido de eternas matas, onde o ar está sempre embalsamado com o perfume de tão peregrinas flores, que em chuveiros se despençam dos verdes docéis formados pelo entrelaçamento de ramos de mil espécies; estes desertos remansos, onde se anuncia a vida pela voz estrepitosa da cascata que se despenha; pelo doce murmúrio das auras, e por essa harmonia grave e melancólica de infinitas vozes de aves e de quadrúpedes; este vasto Éden, entrecortado de enormíssimas montanhas sempre esmaltadas de copada verdura, em cujos topos o homem se crê colocado no espaço, mais perto do céu que da Terra, vendo debaixo de seus pés desenrolar-se as nuvens, roncar as tormentas, e rutilar o raio; este abençoado Brasil com tão felizes disposições de uma pródiga natureza, necessariamente devia inspirar os seus primeiros habitantes; os brasileiros músicos e poetas nascer deviam. E quem o duvida? Eles o foram, e ainda o são.

Por alguns escritos antigos sabemos que algumas tribos indígenas se avantajavam pelo talento da música e da poesia, entre todas os tamoios, que no Rio de Janeiro habitavam, eram os mais talentosos. Em seus combates, inspirados pelas cenas que os rodeavam, repetiam hinos guerreiros, com que acendiam a coragem nas almas dos combatentes, e nas suas festas cantavam em coros alternados de música e dança, cantigas herdadas dos seus maiores.

Em um manuscrito antigo, cujo autor ignoramos quem seja, lemos o seguinte: “São havidos estes tamoios por grandes músicos entre o gentio, e bailadores, os quais são mui respeitados dos gentios por onde quer que vão.” Não era só a tribo dos tamoios que se distinguiu pelo gênio musical e poético; também os caetés, e ainda mais os tupinambás, que em paz viviam com os primeiros, e pela língua e costumes mais com aqueles se assemelhavam. No mesmo manuscrito lemos ainda: “Os tupinambás se prezam de grandes músicos, e a seu modo cantam com sofrível tom, os quais têm boas vezes, mas todos cantam por um tom, e os músicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante do mote, os quais cantam e bailam juntamente em roda.”

Do respeito religioso que tais bárbaros consagram aos seus homens inspirados uma prova nos dá o mesmo autor, dizendo: “Entre os gentios são os músicos muito estimados, e por onde quer que vão são bem agasalhados, e muitos atravessam já o sertão por entre os seus contrários sem lhes fazerem mal.”

Tal veneração para os seus cantores lembra-nos esses trovadores que de país em país peregrinavam, e ante os quais se abriam as portas dos castelos dos senhores da Idade Média; e ainda a respeitosa magnanimidade do grande conquistador antigo para a família do lírico grego. É que à poesia e à música é dado o assenhorear-se da liberdade humana, vibrar as fibras do coração, abalar e extasiar o espírito. Por meio dessas duas potências sabiamente empregadas pelos jesuítas missionários do Brasil, os selvagens abandonavam os seus bosques, e se amoldavam ao cristianismo e à civilização. Só as teorias de alguns homens que se inculcam de positivos, e mal estudam a natureza, desmerecer podem a importância social dessas duas irmãs, e apenas considerá-las como meras artes de luxo, e de recreação de ociosos. Mas não é nosso intento agora tecer o panegírico da poesia e da música.

Os apóstolos do Novo Mundo, tão solícitos entre os indígenas do Brasil na propaganda da fé católica, compunham e traduziam em língua tupi alguns hinos da Igreja, para substituir aos seus cânticos selvagens; mas não consta que se dessem ao trabalho de recolher, ou de verter em língua portuguesa os cânticos dos índios. Posto que nenhum documento sobre isso tenhamos, contudo talvez a todo o tempo alguns se encontrem na poeira das bibliotecas conventuais, com especialidade nas da Bahia. Que precioso monumento para nós não fora desses povos incultos, que quase têm desaparecido da superfície da Terra, sendo tão amigos da liberdade que, para evitar o cativo, caíam de preferência debaixo dos arcabuzes dos portugueses, que tentavam submetê-los ao seu jugo tirânico! Talvez tivessem eles de influir na atual poesia brasileira, como os cânticos dos bardos influíram na poesia do norte da Europa, harmonizando seus melancólicos acentos com a sublime gravidade do cristianismo.

Do que fica dito podemos concluir que o país se não opõe a uma poesia original, antes a inspira. Se até hoje a nossa poesia não oferece um caráter inteiramente novo e particular, é porque os nossos poetas, dominados pelos preceitos, se limitaram a imitar os antigos, que, segundo diz Pope, é imitar mesmo a natureza; como se a natureza se ostentasse a mesma em todas as regiões, e diversos sendo os costumes, as religiões e as crenças, só a poesia não pudesse participar dessa variedade, nem devesse exprimi-la. Faltou-lhes a força necessária para se despojarem do jugo dessas leis arbitrarias dos que se arvoram em legisladores do Parnaso. Depois que Homero, inspirado pelo seu próprio gênio, sem apoio de alheia crítica, se elevou à grandeza da epopéia, criação sua, e Píndaro do mesmo modo à sublimidade da lírica, vieram então os críticos, e estabeleceram regras. Convém, é certo, estudar os antigos e os modelos dos quais se avantajaram nas

diversas composições poéticas, mas não escravizar-se pela cega imitação. “O poeta independente”, diz Schiller, “não reconhece por lei senão as inspirações de sua alma, e por soberano o seu gênio.” Só pode um poeta chamar-se grande se é original, se de seu próprio gênio recebe as inspirações. O que imita alheios pensamentos nada mais é que um tradutor salteado, como é o tradutor um imitador seguido, e igual é o mérito de ambos; e por mais que se esforcem, por mais que com os seus modelos emparelhem, ou mesmo que os superem, pouca glória por isso lhes toca, tendo só afinal aumentado a daqueles.

Como não estudamos a história só com o único fito de conhecer o passado, mas sim com o fim de tirar úteis lições para o presente; assim no estudo do que chamamos modelos não nos devemos limitar à sua reprodução imitativa. A estrada aberta pelos nossos ilustres maiores, que podemos considerar em caracol em uma montanha, ainda não tocou ao seu cume; se aspiramos chegar a ele, o mais seguro caminho é trilhá-la, mas com cuidado que nos não deixemos encantar pela harmonia das vozes dos cisnes que a ladeiam. Ouvindo-os para adoçar a fadiga, admirando-os, porém marchando sempre, empenhemo-nos em nos adiantar nessa estrada. Se faltos de força em seu meio ficarmos, quem nos preceder, desejando prosseguir, nos arredará; cairemos, e certas aves mordazes, que pelo caminho esvoaçam, que nada cantam, mas de tudo grasnam, contentes com a nossa queda, se amontoarão sobre nós, tomando-nos por objeto de sua zombaria. Como é encantada essa estrada! De um lado, e de outro essas aves nos gritam: tomai por esta parte; não passeis adiante, que vos arriscais a cair; à direita; à esquerda! Se as escutamos, se nos não guiamos pelo nosso gênio, grande é o risco, infalível a queda.

Quanto a nós, a nossa convicção é que - nas obras do gênio o único guia é o gênio; que mais vale um vôo arrojado deste, que a marcha refletida e regular da servil imitação.

2) Conceitos do Belo na Arte.

a) “A Arte não produz unicamente o Belo, mas também o feio, o horrível e o monstruoso. Existem obras-primas que representam assuntos horríveis, máscaras terríficas, pesadelos que enlouquecem. Será que é o mesmo prazer que sentimos diante de Goya e Ingres, ante os fetiches congolezes e os torsos gregos do período clássico, ante o Partenon e os templos hindus? Será que são os mesmos, por um lado, o prazer do Trágico e do Sublime, misturados de sentimentos desagradáveis, e, por outro, o prazer sereno e harmonioso que nos causa o Belo e puro? E sobretudo, com que direito tomamos nós, como unidade de medida em nossas apreciações da Arte universal, aquilo que nós, europeus ocidentais do século XX, consideramos como belo?” (BRUYNE, Edgard De. *Esquisse d'une Philosophie de l'art*, Bruxelas, Livraria Albert Dewit, 1930, p. 41).

b) “Se um pintor quisesse ligar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo e aplicar penas variegadas sobre os elementos tomados de diversas partes, de tal modo que uma mulher formosa na parte superior terminasse em peixe horrendamente negro, admitidos a contemplar isso, conteríeis o riso, ó amigos?

Crede-me, Pisões, que muito semelhante a esse quadro seria o livro cujas idéias vãs fossem concebidas como sonhos de um doente de tal modo que nem pé nem cabeça componham uma única figura.

Os pintores e poetas sempre tiveram igual poder de tudo ousar. Sabemos disso e essa indulgência reclamamos e damos uns aos outros, mas não a ponto que os ferozes se reúnam com os mansos, nem que formes pares: as serpentes com as aves, os tigre com os cordeiros.

Muitas vezes se costura a começos solenes e que prometem muito, um que outro remendo de púrpura, porque brilhe ao longe, como quando se descreve o bosque sacro e o altar de Diana e as curvas das águas que se apressam pelos campos amenos ou o rio Reno ou o arco-íris, mas não seria então o lugar dessas coisas. E talvez saibas representar um cipreste e daí, se, desesperançando, quando do naufrágio, o que pagou para ser pintado, se salva a nado?

Começou-se a moldar uma ânfora, por que ao girar da roda, saiu um pote?

Enfim, o que se quer que pretendas seja, ao menos, simples e uno.” (TRIGALE, Dante. *A arte poética de Horácio*. São Paulo: Musa Editora, 1993. p.27).

c) “Para discernir se uma coisa é bela ou não, nós não relacionamos a representação a seu objeto, mediante o entendimento, para o conhecer, mas ao sujeito e ao sentimento de prazer ou desprazer que ele experimenta, mediante a imaginação, aliada, talvez, ao entendimento. O juízo de gosto, não é, pois, um juízo de conhecimento; portanto, ele não é lógico, mas sim estético, entendendo-se por isto ou aquilo cujo fundamento determinante só pode ser subjetivo.” (KANT, Immanuel. *Critica del Juicio*, tradução argentina de *Kritik der Urtheilskraft*, Buenos Aires, El Ateneo, 1951, p. 227.)

d) “Por exemplo, você toma a gravura de madeira do Nordeste e a gravura dos Apocalipses medievais, o parentesco é evidente, do ponto de vista plástico. Não acredito no progresso em Arte, noção ligada a tecnologia, mas não a Arte. Observa-se: na Idade Média a pintura não tem perspectiva, na Renascença tem; do século XIX para cá, quando cresceu o preconceito contra a Idade Média, começam a dizer que a pintura medieval é inferior à pintura da Renascença, porque não tem perspectiva. Ora, a perspectiva não é um progresso, é uma mudança, uma reformulação de ponto de vista: de repente, abandonou-se pintura sem perspectiva e passou-se a fazer pintura com perspectiva e profundidade, o que provoca até certa agonia, aquele exagero! A pintura de Tintoretto, por exemplo, dá a impressão de que está furando a parede, furando o quadro. Pintura para mim é coisa de duas dimensões. Esse negócio de fingir a terceira dimensão, não gosto. (...) Em um congresso de Arte Pré-histórica, observei: Não adianta vocês me dizerem que isto era pintura ‘mágica’. Isto é pintura como qualquer outra. O anseio da Beleza, que está por trás da Arte, pertence a todas as comunidades. Toda comunidade tem um tipo de gente doida que gosta de rabiscar os cantos, de fazer desenho. Poderia exemplificar com a pintura de Miro, que disse: ‘Para mim, depois da arte das cavernas, tudo é decadência.’ Já a meu ver, a arte das cavernas é tão válida como qualquer outra.” (SUASSUNA, Ariano. *Revista Signum*. Revista da ABREM, nº06, 2004)

3) poemas para Camões

a) de Drummond para Camões:

Este, de sua vida e sua cruz
Uma canção eterna solta aos ares
Luís de ouro, vazando intensa luz
Por sobre as ondas altas dos vocábulos.

b) de Bandeira para Camões:

A Camões
Quando n’alma pesar de tua raça
A névoa da apagada e vil tristeza,
Busque ela sempre a glória que não passa,
Em teu poema de heroísmo e de beleza.

Gênio purificado na desgraça,
Tu resumiste em ti toda a grandeza:
Poeta e soldado... Em ti brilhou sem jaça
O amor da grande pátria portuguesa.

E enquanto o fero canto ecoar na mente
Da estirpe que em perigos sublimados
Plantou a cruz em cada continente,

Não morrerá, sem poetas nem soldados,
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados.

c) de Machado de Assis para Camões

c.1) UN VIEUX PAYS (. . . juntamente choro e rio).
CAMÕES.
IL EST UN VIEUX pays, plein d'ombre et de lumière,
Où l'on rêve le jour, où l'on pleure le soir,
Un pays de blasphème, autant que de prière,
Né pour la doute et pour l'espoir.
On n'y voit point de fleurs sans un ver qui les ronge,
Point de mer sans tempête, ou de soleil sans nuit;
Le bonheur y paraît quelquefois dans un songe
Entre les bras du sombre ennui.
L'amour y va souvent, mais c'est tout un délire
Un désespoir sans fin, une énigme sans mot;

Parfois il rit gaîment, mais de cet affreux rire
Qui n'est peut-être qu'un sanglot.
On va dans ce pays de misère et d'ivresse,
Mais on le voit à peine, on en sort, on a peur
Je l'habit pourtant, j'y passe na jeunesse...
Hélas! ce pays, c'est mon coeur.

c.2) CAMÕES, I

Tu quem és? Sou o século que passa.
Quem somos nós? A multidão fremente.
Que cantamos? A glória resplendente.
De quem? De quem mais soube a força e a graça.

Que cantou ele? A vossa mesma raça.
De que modo? Na lira alta e potente.
A quem amou? A sua forte gente.
Que lhe deram? Penúria, ermo, desgraça.

Nobrememente sofreu? Como homem forte.
Esta imensa oblação?... É-lhe devida.
Paga?... Paga-lhe toda a adversa sorte.

Chama-se a isto? A glória apetecida.
Nós, que o cantamos?... Volvereis à morte.
Ele, que é morto?... Vive a eterna vida.

c.3) CAMÕES, III

Quando, torcendo a chave misteriosa
Que os cancelos fechava do Oriente,
O Gama abriu a nova terra ardente
Aos olhos da companha valorosa,

Talvez uma visão resplandecente
Lhe amostrou no futuro a sonora
Tuba, que cantaria a ação famosa
Aos ouvidos da própria e estranha gente.

E disse: "Se já noutra, antiga idade,
Tróia bastou aos homens, ora quero

Mostrar que é mais humana a humanidade.

Pois não serás herói de um canto fero,
Mas vencerás o tempo e a imensidade
Na voz de outro moderno e brando Homero".

c.4) CAMÕES, IV

Um dia, junto à foz de brando e amigo
Rio de estranhas gentes habitado,
Pelos mares aspérrimos levado,
Salvaste o livro que viveu contigo.

E esse que foi às ondas arrancado,
Já livre agora do mortal perigo,
Serve de arca imortal, de eterno abrigo,
Não só a ti, mas ao teu berço amado.

Assim, um homem só, naquele dia,
Naquele escasso ponto do universo,
Língua, história, nação, armas, poesia,

Salva das frias mãos do tempo adverso.
E tudo aquilo agora o desafia.
E tão sublime preço cabe em verso.

c.5) de Bocage para Camões.

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar co'o sacrílego gigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurante,
Da penúria cruel no horror me vejo.
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrico, como tu, da Sorte dura
Meu fim demandando ao Céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és, mas . . . oh, tristeza! . . .
Se te imito nos transe da Ventura,
Não te imito nos dons da Natureza.

c.6) de Ariano Suassuna para Camões (1953)

Décimas ante um retrato de Camões

Se, na noite de chuva, a Tempestade
em solitários galhos acoitados,
revivesse os Navios naufragados
e o travoso gemer da Soledade;
se, da grave assonância da Vontade
entrevesse se pudesse o sacrifício
nesse claro e cansado Frontispício
quem, mais do que teus Olhos, cantaria
da vida o Caso cego e a galhardia,

a Luz flamante e o sacro Desperdício?

Teus olhos! Mas quem pode apaziguá-los?
Se, num, a flecha agónica demora,
noutro há bruma, salgueiro e Harpa sonora,
entre os passos do Rei com seus vassalos.
O pó e o sangue, as patas dos Cavalos
repousam nesse sulco fatigado.
E, se o bravo Queixume formulado
evoca os destroços areais,
o ressonar dos Bosques provençais
doura na Morte a mágoa do pecado.

Pensar que foste criança e que aspiraste
o cheiro da Madeira mal queimada;
que, ao perseguir, insone, a Madrugada,
a chama do Desterro desejaste.
O Sal marinho, as folhas que esmagaste,
e vida e nome, pássaro e Memória.
Pois, se Fortuna e treva derisória
urdiram tua Sorte alada e escura,
foi que o porvir tecera, na Espessura,
da Cadência já morta o Canto e a glória.

Pureza e dolo. A Sombra se amontoa
- destroço ressurto e trespassado -
na prisão a quem a um tempo foste atado,
no Barco que te chama e te enevoa.
Debalde! A Fonte é cortadora Proa,
barba barroca é Quilha e madeirame.
E o Cedro, a Infanta, a coifa de beirame,
tudo isso e tudo mais que não se exprime
- que não se diz - e é o que talvez redime
o atravessar das águas e o Velame.

Assim, não mais o som desse Acalanto,
não mais o Apelo, só, da já passado:
que teu Anjo o receba, dissipado,
numa Páscoa de fogo e tenso Canto.
Pois se o Eco de sono e louro acanto
não te pôde levar o que presente,
num sussurro fraterno e Sopro ardente
chegue a ti meu Duende extraviado
e o Sonho, anseio extinto e renovado,
que é Pena e mudez de meu presente.

4) *Epopéias.*

a) Livro LVIII da Odisséia

“Demódoco imortal, que em estro acesos/ Por Jove,
entoa cânticos melífluos” (...)

“Conduz Pontono o vate aceito à Musa,
Que o cegou, mas lhe deu um canto suave
E do bem e do mal o entendimento;
Num trono o põe de prata cravejado,
numa coluna o encosta, e lhe pendura
Sobre a cabeça em prego a doce lira

E de a tomar indica-lhe a maneira;
Pousa-lhe um canistrel em mesa ornada,
Com cheia copa que a vontade empine.
Atiram-se aos manjares os convivas.
Expulsa a fome e a sede, a Musa instiga
O poeta a cantar guerreiro canto,
Cuja fama às estrelas se exaltava:
A rixa era de Ulisses e de Aquiles,
Com ditos agros num festim sagrado (...)"

b) Proposições-

"Canta-me a cólera - ó deusa! - funesta de Aquiles
[Pelida,
causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos
[inúmeros
e de baixarem para o Hades as almas de heróis
[numerosos"
(Ilíada – Homero)

"Canta, ó Musa, o varão que astucioso,
Rasa Ílion Santa, errou de clima em clima,
Viu de muitas nações costumes vários.
Mil transes padeceu no equóreu ponto,
Por segurar a vida e aos seus a volta"
(Odisséia - Homero)

"As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de
[Tróia·

Por injunções do Destino, instalou-se na Itália
[primeiro".
(Eneida - Virgílio)

"As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca antes navegados
Passaram além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram,
Novo reino que tanto sublimaram"
(Lusíadas - Luís de Camões)

"MUSA, honremos o Herói que o povo rude
Subjugou do Uruguai, e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.
Ai tanto custas, ambição de império!"
(O Uruguai- Basílio da Gama)

"De um varão em mil casos agitados,
Que as praias percorrendo do Ocidente,
Descobriu recôncavo afamado
Da capital brasílica potente;
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube à fera gente,
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço herói quem nela é forte."
(Caramuru, de Santa Rita Durão)

5) *Textos críticos: Prosopopéia*

a) "Da *Prosopopéia* só se salva, a rigor, a intenção literária. É a literatura dos áulicos, com defeitos específicos e mais os da época, juntos à deficiência pessoal do autor. José Veríssimo não viu motivos para poupar a obra de Bento Teixeira: 'Não tem mérito algum de inspiração, poesia ou forma. Afora a sua importância cronológica de primeira produção literária publicada de um brasileiro, pouquíssimo valor tem. No meio da própria ruim literatura poética portuguesa do tempo – aliás, a só entender a data em que possivelmente este poema foi escrito – não se elevaria este acima da multidão de poetas iguais'. Surpreende quando algum ensaísta penda para a benevolência, no caso, como Afonso Arinos de Melo Franco, que vê em Bento Teixeira o que ele parece não possuir: 'Mas já por outro lado, o ambiente colonial se tornara favorável à eclosão de uma obra de outro gênero, a *Prosopopéia*, de Bento Teixeira. É este um poema heróico e não místico à maneira de Anchieta, escrito em português, língua próxima e social, que começava a ser o idioma da terra, e não em latim, língua da Igreja, ou dos distantes letrados europeus, seguidores de Erasmo de Roterdã. Um poema como a *Prosopopéia*, já traz a marca da criação brasileira, já reflete literariamente as paixões dos homens e da vida humana, e não mais o anseio metafísico, a luta pela salvação, tema inseparável da obra literária jesuítica que era, afinal, um simples instrumento de trabalho espiritual de catequese.'

Citando a pesquisa de João Peretti, a respeito da identidade do autor de *Prosopopéia*, que não é o do mesmo nome, mencionada nas *Denúncias*, Gilberto Freire situa o poema como o primeiro 'composto no Brasil e que teria sido uma expressão da vida de lazer e de refinamento cedo criada no país pela economia açucareira', o que parece em contraste com a realidade. Bento Teixeira, em quem dificilmente se poderia encontrar talento, pelo que revela o poema, pertence apenas ao grupo dos áulicos. E nem havia em Pernambuco, nos fins do primeiro século de vida colonial, refinamento algum e nem mesmo lazer, pelo menos como o lazer que, em outros meios e em outros tempos, permitiu o aparecimento de determinado tipo de literatura. Tipo que a sociedade brasileira, particularmente a de tal fase, não estava em condições de gerar." (SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura Brasileira*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.1995. pp. 83 e 84)

Obras referidas:

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 3ª edição. Rio de Janeiro. 1954. p. 37.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Mar de Sargãos*. S. Paulo. 1944. p. 27.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 5ª edição. Rio de Janeiro. 1946. p. 184.

b) “Entre nós, os louvores aos donos de engenho, aos bandeirantes, aos capitães e governadores gerais, enfim, à Coroa com seu séquito de fâmulos e burocratas são o argumento pífio mas inesgotável das academias baianas dos Esquecidos e dos Renascidos, além de tema dileto dos linhagistas de São Paulo e de Pernambuco, focos de nossa prosápia desde o século XVIII. E são o motivo condutor de textos épicos redigidos em tempos diversos: a *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, pastiche camoniano oferecido a Jorge de Albuquerque Coelho, donatário de Pernambuco, no romper dos Seiscentos; *O valoroso Lucideno*, de fr. Manuel Calado, que canta em prosa e verso os feitos de João Fernandes Vieira, o magnata português senhor de cinco engenhos moentes e correntes e um dos chefes da resistência contra os holandeses do Nordeste; *o Caramuru*, de fr. José de Santa Rita Durão, composto em honra do patriarca lusitano da Bahia, Diogo Álvares Correia; enfim, *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, o poema que celebra a ordem civil imposta ao arraial mineiro de Antônio Dias. Os dois últimos pertencem à literatura neoclássica luso-brasileira que foi lida e, em parte, treslada pelos nossos românticos do Segundo Império à cata de precursores para o seu nacionalismo oficial. Era uma interpretação equivocada: o epos setecentista ainda não se despregara da situação colonial sem prejuízo dos seus louvores à paisagem e às tradições da crônica provinciana. A sua costela localista, bem visível em Pernambuco depois da expulsão dos holandeses e na São Paulo pós-bandeirista, tinha a ver com a ideologia autonobilitadora dos estratos familiares que, em suas respectivas áreas de influência, iriam constituir a classe dirigente do futuro Estado nacional.”

(BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 36 e 37)

6) *Poemas para Cesário Verde*.

a) **Fernando Pessoa para Cesário Verde.**

Ao entardecer, debruçado na janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.

b) **João Cabral para Cesário Verde**

O SIM CONTRA O SIM
Cesário Verde usava a tinta
de forma singular:
não para colorir,
apesar da cor que nele há.
Talvez que nem usasse tinta,
somente água clara,
aquela água de vidro
que se vê percorrer a Arcádia.
Certo, não escrevia com ela,
ou escrevia lavando:
revelava, enxaguava
seu mundo em Sábado de banho.
Assim chegou aos tons opostos
das maçãs que contou:
rubras dentro da cesta
de quem no rosto as tem sem cor.

7) *Conto: Devaneio e Embriaguez duma Rapariga – Clarice Lispector*

Pelo quarto parecia-lhe estarem a se cruzar os elétricos, a estremecerem-lhe a imagem refletida. Estava a se pentear vagarosamente diante da penteadeira de três espelhos, os braços brancos e fortes arrepriavam-se à frescurazita da tarde. Os olhos não se abandonavam, os espelhos vibravam ora escuros, ora luminosos. Cá fora, duma janela mais alta, caiu à rua uma cousa pesada e fofa. Se os miúdos e o marido estivessem à casa, já lhe viria à idéia que seria descuido deles. Os olhos não se despregavam da imagem, o pente trabalhava meditativo, o roupão aberto deixava aparecerem nos espelhos os seios entrecortados de várias raparigas.

"A Noite!", gritou o jornalista ao vento brando da Rua do Riachuelo, e alguma cousa arrepiou-se pressagiada. Jogou o pente à penteadeira, cantou absorta: "quem viu o pardal-zito... passou pela jane-la... voou pr'além do Mi-nho!" — mas, colérica, fechou-se dura como um leque.

Deitou-se, abanava-se impaciente com um jornal a farfalhar no quarto. Pegou o lenço, aspirava-o a comprimir o bordado áspero com os dedos avermelhados. Punha-se de novo a abanar-se, quase a sorrir. Ai, ai, suspirou a rir. Teve a visão de seu sorriso claro de rapariga ainda nova, e sorriu mais fechando os olhos, a abanar-se mais profundamente. Ai, ai, vinha da rua como uma borboleta.

"Bons dias, sabes quem veio a me procurar cá à casa?", pensou como assunto possível e interessante de palestra. "Pois não sei, quem?", perguntaram-lhe com um sorriso galanteador, uns olhos tristes numa dessas caras pálidas que a uma pessoa fazem tanto mal. "A Maria Quitéria, homem!", respondeu garrida, de mão à ilharga. "E se mo permite, quem é esta rapariga?", insistiram galante, mas já agora sem fisionomia. "Tu!", cortou ela com leve rancor a palestra, que chatura.

Ai que quarto suculento! ela se abanava no Brasil. O sol preso pelas persianas tremia na parede como uma guitarra. A Rua do Riachuelo sacudia-se ao peso arquejante dos elétricos que vinham da Rua Mem de Sá. Ela ouvia curiosa e entediada o estremecimento do guarda-loiça na sala das visitas. D'impaciência, virou-se-lhe o corpo de bruços, e enquanto estava a esticar com amor os dedos dos pés pequeninos, aguardava seu próximo pensamento com os olhos abertos. "Quem encontrou, buscou", disse-se em forma de rifão rimado, o que sempre terminava por parecer com alguma verdade. Até que adormeceu com a boca aberta, a baba a umedecer-lhe o travesseiro.

Só acordou com o marido a voltar do trabalho e a entrar pelo quarto adentro. Não quis jantar nem sair de seus cuidados, dormiu de novo: o homem lá que se regalasse com as sobras do almoço.

E, já que os filhos estavam na quinta das titias em Jacarepaguá, ela aproveitou para amanhecer esquisita: túrbida e leve na cama, um desses caprichos, sabe-se lá. O marido apareceu-lhe já trajado e ela nem sabia o que o homem fizera para o seu pequeno almoço, e nem olhou-lhe o fato, se estava ou não por escovar, pouco se lhe importava se hoje era dia dele tratar os negócios na cidade. Mas quando ele se inclinou para beijá-la, sua leveza crepitou como folha seca:

— Larga-te daí!

— E o que tens? pergunta-lhe o homem atônito, a ensaiar imediatamente carinho mais eficaz.

Obstinada, ela não saberia responder, estava tão rasa e princesa que não tinha sequer onde se lhe buscar uma resposta. Zangou-se:

— Ai que não me maces! não me venhas a rondar como um galo velho!

Ele pareceu pensar melhor e declarou:

— Ó rapariga, estás doente.

Ela aceitou surpreendida, lisonjeada. Durante o dia inteiro ficou-se na cama, a ouvir a casa tão silenciosa sem o bulício dos miúdos, sem o homem que hoje comeria seus cozidos pela cidade. Durante o dia inteiro ficou-se à cama. Sua cólera era tênue, ardente. Só se levantava mesmo para ir à casa de banhos, donde voltava nobre, ofendida.

A manhã tornou-se uma longa tarde inflada que se tornou noite sem fundo amanhecendo inocente pela casa toda.

Ela ainda à cama, tranqüila, improvisada. Ela amava... Estava previamente a amar o homem que um dia ela ia amar. Quem sabe lá, isso às vezes acontecia, e sem culpas nem danos para nenhum dos dois. Na cama a pensar, a pensar, quase a rir como a uma bisbilhotice. A pensar, a pensar. O quê? ora, lá ela sabia. Assim deixou-se a ficar.

Dum momento para outro, com raiva, estava de pé. Mas nas fraquezas do primeiro instante parecia doida e delicada no quarto que rodava, que rodava até ela conseguir às apalpadelas deitar-se de novo à cama, surpreendida de que talvez fosse verdade: "ó mulher, vê lá se me vais mesmo adoecer!", disse desconfiada. Levou a mão à testa para ver se lhe tinham vindo febres.

Nessa noite, até dormir, fantasticou, fantasticou: por quantos minutos? até que tombou: adormecidona, a ressonar com o marido.

Acordou com o dia atrasado, as batatas por descascar, os miúdos que voltariam à tarde das titias, ai que até me faltei ao respeito!, dia de lavar roupa e cerzir as peúgas, ai que vagabunda que me saíste!, censurou-se curiosa e satisfeita, ir às compras, não esquecer o peixe, o dia atrasado, a manhã pressurosa de sol.

Mas no sábado à noite foram à tasca da Praça Tira-dentes a atenderem ao convite do negociante tão próspero, ela com vestidito novo que se não era cheio d'enfeites era de bom pano superior, desses que lhe iam a durar pela vida afora. No sábado à noite, embriagada na Praça Tiradentes, embriagada mas com o marido ao lado a garanti-la, e ela cerimoniosa diante do outro homem tão mais fino e rico, procurando dar-lhe palestras, pois que ela não era nenhuma palavra d'aldeia e já vivera em Capital. Mas borrachona a mais não poder.

E se seu marido não estava borracho é que não queria faltar ao respeito ao negociante, e, cheio d'empenho e d'humildade, deixava-lhe, ao outro, o cantar de galo. O que assentava bem para a ocasião fina, mas lhe punha, a ela, uma dessas vontades de rir! um desses despezos! olhava o marido metido no fato novo e achava-lhe uma tal piada! Borrachona a mais não poder mas sem perder o brio de rapariga. E o vinho verde a esvaziar-se-lhe do copo.

E quando estava embriagada, como num ajantarado farto de domingo, tudo o que pela própria natureza é separado um do outro — cheiro d'azeite dum lado, homem doutro, terrina dum lado, criado de mesa doutro — unia-se esquisitamente pela própria natureza, e tudo não passava duma sem-vergonhice só, duma só marotagem.

E se lhe estavam brilhantes e duros os olhos, se seus gestos eram etapas difíceis até conseguir enfim atingir o paliteiro, em verdade por dentro estava-se até lá muito bem, era-se aquela nuvem plena a se transladar sem esforço. Os lábios engrossados e os dentes brancos, e o vinho a inchá-la. E aquela vaidade de estar embriagada a facilitar-lhe um tal desdenho por tudo, a torná-la madura e redonda como uma grande vaca.

Naturalmente que ela palestrava. Pois que lhe não faltavam os assuntos nem as capacidades. Mas as palavras que uma pessoa pronunciava quando estava embriagada era como se estivesse prenhe — palavras apenas na boca, que pouco tinham a ver com o centro secreto que era como uma gravidez. Ai que esquisita estava. No sábado à noite a alma diária perdida, e que bom perdê-la, e como lembrança dos outros dias apenas as mãos pequenas tão maltratadas — e ela agora com os cotovelos sobre a toalha de xadrez vermelho-e-branco da mesa como sobre uma mesa de jogo, profundamente lançada numa vida baixa e revolucionante. E esta gargalhada? essa gargalhada que lhe estava a sair misteriosamente duma garganta cheia e branca, em resposta à finura do negociante, gargalhada vinda da profundidade daquele sono, e da profundidade daquela segurança de quem tem um corpo. Sua carne alva estava doce como a de uma lagosta, as pernas duma lagosta viva a se mexer devagar no ar. E aquela vontade de se sentir mal para aprofundar a doçura em bem ruim. E aquela maldadezita de quem tem um corpo. Palestrava, e ouvia com curiosidade o que ela mesma estava a responder ao negociante abastado que, em tão boa hora, os convidara e pagava-lhes o pasto. Ouvia intrigada e deslumbrada o que ela mesma estava a responder: o que dissesse nesse estado valeria para o futuro em augúrio — já agora ela não era lagosta, era um duro signo: escorpião. Pois que nascera em novembro.

Um holofote enquanto se dorme que percorre a madrugada — tal era a sua embriaguez errando lenta pelas alturas.

Ao mesmo tempo, que sensibilidade! mas que sensibilidade! quando olhava o quadro tão bem pintado do restaurante ficava logó com sensibilidade artística. Ninguém lhe tiraria cá das idéias que nascera mesmo para outras cousas. Ela sempre fora pelas obras d'arte.

Mas que sensibilidade! agora não apenas por causa do quadro de uvas e peras e peixe morto brilhando nas escamas. Sua sensibilidade incomodava sem ser dolorosa, como uma unha quebrada. E se quisesse podia permitir-se o luxo de se tornar ainda mais sensível, ainda podia ir mais adiante: porque era protegida por uma situação, protegida como toda a gente que atingiu uma posição na vida. Como uma pessoa a quem lhe impedem de ter a sua desgraça. Ai que infeliz que sou, minha mãe. Se quisesse podia deitar ainda mais vinho no copo e, protegida pela posição que alcançara na vida, emborrachar-se ainda mais, contanto que não perdesse o brio. E assim, mais emborrachada ainda, percorria os olhos pelo restaurante, e que desprezo pelas pessoas secas do restaurante, enquanto ela estava grossa e pesada, generosa a mais não poder. E tudo no restaurante tão distante um do outro como se jamais um pudesse falar com o outro. Cada um por si, e lá Deus por toda a gente.

Seus olhos de novo fitaram aquela rapariga que, já d'entrada, lhe fizera subir a mostarda ao nariz. Logo d'entrada percebera-a sentada a uma mesa com seu homem, toda cheia dos chapéus e d'ornatos, loira como um escudo falso, toda santarrona e fina — que rico chapéu que tinha! — vai ver que nem casada era, e a ostentar aquele ar de santa. E com seu rico chapéu bem posto. Pois que bem lhe aproveitasse a beatice! e que se não lhe entornasse a fidalguia na sopa! As mais santazitas eram as que mais cheias estavam de patifaria. E o criado de mesa, o grande parvo, a servi-la cheio das atenções, o finório: e o homem amarelo que a acompanhava a fazer vistas grossas. E a santarrona toda vaidosa de seu chapéu, toda modesta de sua cinturita fina, vai ver que não era capaz de parir-lhe, ao seu homem, um filho. Ai que não tinha nada a ver com isso, a bem dizer: mas já d'entrada crescera-lhe a vontade d'ir e d'encher-lhe, à cara de santa loira da rapariga, uns bons sopapos, a fidalguita de chapéu. Que nem roliça era, era chata de peito. E vai ver que, com todos os seus chapéus, não passava duma vendeira d'hortaliça a se fazer passar por grande dama.

Oh, como estava humilhada por ter vindo à tasca sem chapéu, a cabeça agora parecia-lhe nua. E a outra com seus ares de senhora, a fingir de delicada. Bem sei o que te falta, fidalguita, e ao teu homem amarelo! E se

pensas que t'invejo e ao teu peito chato, fica a saber que me ralo, que bem me ralo de teus chapéus. A patifas sem brio como tu, a se fazerem de rogadas, eu lhas encho de sopapos.

Na sua sagrada cólera, estendeu com dificuldade a mão e tomou um palito.

Mas finalmente a dificuldade de chegar em casa desapareceu: remexia-se agora dentro da realidade familiar de seu quarto, agora sentada no bordo de sua cama com a chinela a se balançar no pé.

E, como entrefechara os olhos toldados, tudo ficou de carne, o pé da cama de carne, a janela de carne, na cadeira o fato de carne que o marido jogara, e tudo quase doía. E ela cada vez maior, vacilante, tímida, gigantesca. Se conseguisse chegar mais perto de si mesma, ver-se-ia inda maior. Cada braço seu poderia ser percorrido por uma pessoa, na ignorância de que se tratava de um braço, e em cada olho podia-se-lhe mergulhar dentro e nadar sem saber que era um olho. E ao redor tudo a doer um pouco. As coisas feitas de carne com nevralgia. Fora o friozito que a tomara ao sair da casa de pasto.

Estava sentada à cama, conformada, cética.

E isso ainda não era nada, só Deus sabia: ela sabia muito bem que isso inda não era nada. Que nesse momento lhe estavam a acontecer cousas que só mais tarde iriam a doer mesmo e a valer: quando ela voltasse ao seu tamanho comum, o corpo anestesiado estaria a acordar latejando e ela iria a pagar pelas comilanças e vinhos.

Então, já que isso terminaria mesmo por acontecer, tanto se me faz abrir agora mesmo os olhos, o que fez, e tudo ficou menor e mais nítido, embora sem nenhuma dor. Tudo, no fundo, estava igual, só que menor e familiar. Estava sentada bem tesa na sua cama, o estômago tão cheio, absorta, resignada, com a delicadeza de quem espera sentado que outro acorde. "Empanturras-te e eu que pague o pato", disse-se melancólica, a olhar os deditos brancos do pé. Olhava ao redor, paciente, obediente. Ai, palavras, palavras, objetos do quarto alinhados em ordem de palavras, a formarem aquelas frases turvas e maçantes que quem souber ler, lera. Aborrecimento, aborrecimento, ai que chatura. Que maçada. Enfim, ai de mim, seja lá o que Deus bem quiser. Que é que se havia de fazer. Ai, é uma tal cousa que se me dá que nem bem sei dizer. Enfim, seja lá bem o que Deus quiser. E dizer que se divertira tanto esta noite! e dizer que fora tão bom, e a gosto seu o restaurante, ela sentada fina à mesa. Mesa! gritou-lhe o mundo. Mas ela nem sequer a responder-lhe, a alçar os ombros com um muxoxo amuado, importunada, que não me venhas a maçar com carinhos; desiludida, resignada, empanturrada, casada, contente, a vaga náusea.

Foi nesse instante que ficou surda: faltou-lhe um sentido. Enviou à orelha uma taponada de mão espalmada, o que só fez entornar mais o caldo: pois encheu-se-lhe o ouvido de um rumor de elevador, a vida de repente sonora e aumentada nos menores movimentos. Das duas, uma: estava surda ou a ouvir demais — reagiu a essa nova solicitação com uma sensação maliciosa e incômoda, com um suspiro de saciedade conformada. Pros raios que os partam, disse suave, aniquilada.

"E quando no restaurante...", lembrou-se de repente. Quando estivera no restaurante o protetor do marido encostara ao seu pé um pé embaixo da mesa, e por cima da mesa a cara dele. Porque calhara ou de propósito? O mafarrico. Uma pessoa, a falar verdade, que era lá bem interessante. Alçou os ombros.

E quando no seu decote redondo — em plena Praça Tiradentes!, pensou ela a abanar a cabeça incrédula — a mosca se lhe pousara na pele nua? Ai que malícia.

Havia certas cousas boas porque eram quase nauseantes: o ruído como de elevador no sangue, enquanto o homem roncava ao lado, os filhos gorditos empilhados no outro quarto a dormirem, os desgraçadinhos. Ai que cousa que se me dá! pensou desesperada. Teria comido demais? ai que cousa que se me dá, minha santa mãe!

Era a tristeza.

Os dedos do pé a brincarem com a chinela. O chão lá não muito limpo. Que relaxada e preguiçosa que me saíste. Amanhã não, porque não estaria lá muito bem das pernas. Mas depois de amanhã aquela sua casa havia de ver: dar-lhe-ia um esfregaço com água e sabão que se lhe arrancariam as sujidades todas! a casa havia de ver! ameaçou ela colérica. Ai que se sentia tão bem, tão áspera, como se ainda estivesse a ter leite nas mamas, tão forte. Quando o amigo do marido a viu tão bonita e gorda ficou logo com respeito por ela. E quando ela ficava a se envergonhar não sabia aonde havia de fitar os olhos. Ai que tristeza. Que é que se há de fazer. Sentada no bordo da cama, a pestanejar resignada. Que bem que se via a lua nessas noites de verão. Inclinou-se um pouquinho, desinteressada, resignada. A lua. Que bem que se via. A lua alta e amarela a deslizar pelo céu, a coitadita. A deslizar, a deslizar... Alta, alta. A lua. Então a grosseria explodiu-lhe em súbito amor: cadela, disse a rir.